

ATIVIDADE DE HISTÓRIA – SEMANA 08 – PERÍODO 22 A 26 DE JUNHO DE 2020

DISTANCIAMENTO SOCIAL – COVID19

6º ANO A, B, C, D – PROFESSORA LUCIANA MACHADO

Unidade Temática: A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades.

Objeto do Conhecimento: Povos da Antiguidade na África (egípcios).

Habilidades do Currículo Paulista: (EF06HI07A) Identificar as diferentes formas de linguagens, registros, técnicas e artes nas sociedades antigas (África, Ásia e Américas); (EF06HI07B) Reconhecer a importância da tradição oral, cultura material e escrita para a transmissão da memória e do conhecimento nas diferentes sociedades antigas (África, Ásia e Américas).

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS

- Assistir a vídeo-aula;
- Ler novamente as páginas 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86 e 87 do livro didático ou esse material;
- Copiar e responder as perguntas abaixo no caderno:
 1. Explique a frase do historiador grego Heródoto “O Egito é uma dádiva do Rio Nilo”:
 2. Como se deu a unificação dos reinos no Egito?
 3. Qual o papel do faraó no Egito Antigo?
 4. Explique o que é politeísmo e quais as três formas que os deuses egípcios podiam ter:
 5. Como era o ritual de mumificação?
 6. Para que serviam as pirâmides?
 7. Faça um desenho da pirâmide social do Egito Antigo:
 8. Como era a economia egípcia?
 9. Explique o significado de servidão coletiva e de escravidão:
 10. Pesquise quais eram os principais deuses do Egito Antigo e fale um pouquinho sobre eles (pode ser escrito ou em áudio):
- ENVIE AS FOTOS DAS ATIVIDADES NO MEU WHATSAPP NÚMERO 99978-0941;

Bons estudos!!!!!!!!!!!!!!

Egito Antigo

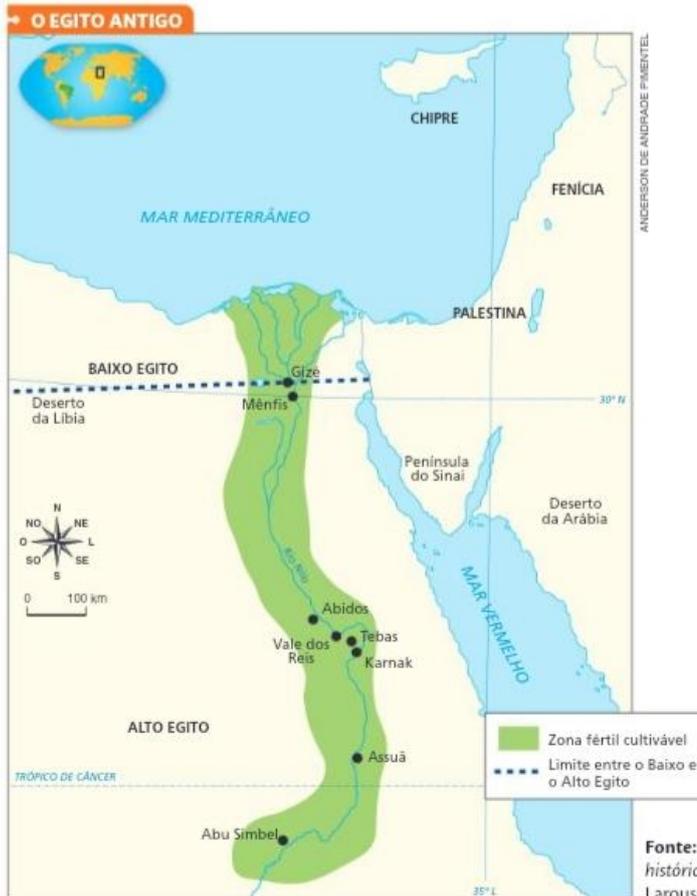
O Egito foi um reino que se desenvolveu no nordeste da África, numa região naturalmente protegida de invasores pelo Deserto do Saara e fertilizada pelo Rio Nilo. Todo ano, entre junho e setembro, as águas do Nilo aumentavam de volume e inundavam suas margens, depositando sobre elas o lodo que deixava o solo fértil para a prática da agricultura. As inundações, contudo, podiam ser violentas, arrasando aldeias e destruindo as áreas de cultivo. Além disso, a pequena quantidade de chuvas que caíam na região exigia que seus habitantes levassem a água até pontos muito distantes das margens para irrigar as plantações.

Por isso, os egípcios construíram grandes obras hidráulicas para controlar o rio, como barragens e canais de irrigação. No Egito, como na Mesopotâmia, desenvolveu-se uma civilização na qual a vida coletiva girava em torno do controle e do aproveitamento dos recursos hídricos disponíveis e, por isso, ela também pode ser considerada uma civilização fluvial.



Escultura do século VI a.C. representando a cheia do Rio Nilo como uma divindade. Museu do Louvre, Paris, França.

Reprodução gratuita. At. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL

ERICH LEBSING ALBUM FOTODARENA - MUSEU DO LOUVRE - PARIS



Fonte: DUBY, Georges. *Atlas histórico mundial*. Barcelona: Larousse, 2010. p. 28.

A unificação dos reinos no Egito

Os assentamentos humanos estabelecidos às margens do Nilo eram chamados de **nomos** e chefiados por um **nomarca**. Com o tempo, os nomos uniram-se em dois reinos – o reino do Alto Egito, ao Sul, e o do Baixo Egito, ao Norte. Por volta de 3100 a.C., esses reinos foram unificados e ficaram sob a autoridade de um rei único e poderoso, o **faraó**.

Sabemos pouco a respeito desses primeiros faraós. Conhecemos apenas alguns de seus nomes, como o do rei Narmer, a quem as lendas consideram o unificador dos reinos do Alto e do Baixo Egito. Segundo a tradição, ele foi o fundador da primeira das 33 dinastias que governaram o Egito por mais de três mil anos e também o primeiro faraó.

Depois da unificação, os faraós mantiveram o controle político do reino por aproximadamente um milênio. Após um período de enfraquecimento da autoridade real, a partir de 1580 a.C., os faraós retomaram a estabilidade e adotaram uma política expansionista. A partir de 670 a.C., contudo, o reino foi sucessivamente dominado pelos assírios, persas, gregos e finalmente pelos romanos, em 30 a.C.

Cinzel: instrumento composto de uma lâmina de metal utilizada para entalhar ou esculpir materiais duros, como madeira, pedra, ferro etc.

História em construção

A paleta de Narmer

A paleta de Narmer é um dos objetos mais importantes da arqueologia egípcia. Os especialistas ainda discutem alguns dos significados dos seus relevos. Para alguns, a composição representa a derrota do Baixo Egito. Para outros, a paleta faz referência a cerimônias de renovação do ciclo da vida.

Entretanto, eles concordam que a paleta narra, simbolicamente, a história da unificação e da pacificação entre os reinos do Alto e do Baixo Egito, além de representar o faraó como um ser supremo. A paleta também reflete o refinamento artístico dos egípcios e a sua habilidade em representar a anatomia humana.

Na imagem, que mostra uma das faces da paleta, vemos o rei Narmer representado com uma coroa, simbolizando a autoridade do Baixo Egito. À frente dele, um sacerdote acompanha um grupo de pessoas carregando estandartes com signos religiosos. Diante deles há vários corpos de inimigos decapitados, simbolizando a vitória de Narmer sobre eles. Na parte superior, entre as representações da deusa Bat, estão os hieróglifos do peixe e do **cinzel**, representando o nome de Narmer. Na parte central, os dois animais mitológicos podem simbolizar a unificação entre os reinos do Alto e do Baixo Egito, ou a pacificação entre eles. Mais abaixo, o faraó é representado como um touro forte, mas ele não está atacando o inimigo. A cena demonstra, na realidade, a última fase da unificação do Egito, a vitória de Narmer, sem derramamento de sangue.



Uma das faces da paleta de Narmer, c. 3100-2980 a.C. Museu Egípcio, Cairo.

ART COLLECTION ZILAMY/
FOTOMANIA - MUSEU EGÍPCIO, CAIRO

A vida na Mesopotâmia e no Egito

Conheceremos agora alguns aspectos sociais, religiosos, econômicos e científicos dos povos da Mesopotâmia e do antigo Egito.

A religião

A religião desempenhava um papel importante na vida cotidiana dos habitantes do Antigo Oriente. Para eles, a vontade dos deuses determinava desde os fatos cotidianos até os fenômenos naturais. Por isso, tanto egípcios quanto os povos da Mesopotâmia se esforçavam para agradar aos deuses por meio de orações, oferendas ou sacrifícios.

A maioria dos povos antigos era **politeísta**, ou seja, adorava várias divindades. Essas divindades estavam associadas a diversos aspectos da natureza e da existência humana, como as águas dos rios, os astros, a guerra, o parto, o lar e o amor. As divindades podiam ser representadas como uma mistura de formas humanas e animais (**antropozoomorfismo**), ou apenas com formas humanas (**antropomorfismo**) ou de animais (**zoomorfismo**).

Os reis divinos

Tanto no Egito quanto na Mesopotâmia, o poder dos governantes estava associado aos deuses e à religião. Na Mesopotâmia, os reis eram considerados representantes dos deuses na Terra, intermediários entre as divindades e os seres humanos. Já no Egito, o faraó era considerado um deus encarnado, ou seja, ele não era um representante dos deuses, mas o próprio deus em um corpo humano. Como o fundamento do poder desses reis era a religião, dizemos que o poder deles era **teocrático**.

O medo e o respeito aos deuses se traduziam como obediência aos reis e sacerdotes. Por essa razão, quando, por exemplo, os súditos eram convocados a trabalhar para o palácio e para os templos, encaravam o trabalho como uma espécie de tributo aos deuses, uma obrigação da qual não se podia escapar.



Reprodução gratuita de acordo com o Código de Ética e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 2018.

Saiba mais

Diferentes povos, diferentes escritas

Com o passar do tempo, algumas sociedades desenvolveram novas formas de escrita, nas quais um símbolo podia representar um som da fala ou uma palavra completa, como os hieróglifos no Egito.

Por volta de 1700 a.C., os fenícios, antigos habitantes do atual Líbano, desenvolveram um sistema de escrita em que os sinais representavam apenas os sons da fala, e não mais objetos ou ideias. Como os fenícios eram comerciantes, precisavam

de um sistema prático, que facilitasse seus negócios. Surgiu, assim, a escrita **alfabética**, semelhante à que usamos neste livro.

	Pictograma egípcio	Hieróglifo	Fenício
Águia			
Trono			

LÍGIA DUQUE

Material Digital Audiovisual
• Videoaula: O livro dos mortos

Orientações para o professor acompanham o Material Digital Audiovisual

Adereço: enfeite, ornamento.

O mundo dos mortos

Os povos que viviam na Mesopotâmia imaginavam que a alma da pessoa morta seguia para o Mundo Subterrâneo, um lugar silencioso, escuro, poeirento, governado pelos deuses das profundezas.

Entretanto, esses povos não abandonavam o morto. Em geral, após a morte, havia um período de lamentação, em que o luto era demonstrado por meio de vestimentas e de **adereços**. O corpo era sepultado com objetos e, acreditava-se, depois de o *gidim* (fantasma ou espírito) entrar no mundo dos mortos, eram-lhe ofertadas comida e bebida.

Já os egípcios acreditavam que, com o corpo purificado, o morto poderia renascer e trilhar o caminho da eternidade, interrompido pela morte física. Para que o morto retomasse essa caminhada no mundo inferior, seu corpo deveria ser mumificado (veja abaixo).

No túmulo eram colocados objetos que poderiam ser úteis na nova vida: alimentos, utensílios domésticos, objetos pessoais, joias, armas etc. O sepultamento também contava com pelo menos um trecho do *Livro dos mortos*, uma espécie de manual com fórmulas mágicas, hinos e orações que poderiam ajudar o morto na passagem entre os mundos. O livro também orientava o morto a se apresentar diante do tribunal de Osíris, o deus dos mortos, momento em que seria julgado por tudo o que tivesse feito durante a vida.

A PRÁTICA DA MUMIFICAÇÃO

Depois de lavado com vinho e água, o corpo do morto tinha as vísceras removidas.

Os órgãos eram lavados, enfaixados e colocados em vasos com tampas que representavam o deus protetor de cada órgão.

O sal de natrão era usado para remover todo o líquido do corpo para melhor preservá-lo. Após várias semanas, o corpo, já desidratado, era preenchido e coberto com resinas aromáticas e óleos. Sobre o local do coração, considerado o centro da vida, colocava-se um amuleto.

ORLY WANDERS

O ritual de enfaixar o corpo durava quinze dias. Um sacerdote, utilizando a máscara de Anúbis, entoava cânticos mágicos.

Fontes: Mumificação no Egito antigo. Revista *Aventuras na História*, n. 57, abr. 2008. p. 22-23; ROSS, Stewart. *Egito antigo*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005. p. 14-15. (Coleção Histórias da Antiguidade)

As construções para os mortos e os templos

A preocupação com a vida após a morte levou os egípcios a construir monumentos funerários para abrigar e proteger o corpo do morto e os objetos que eram enterrados com ele. Até mesmo a população mais pobre construía túmulos com esse objetivo. As grandes construções, como as pirâmides para o túmulo dos faraós, porém, por seu elevado custo, só se destinavam às camadas mais privilegiadas.

A construção das pirâmides teve início no Antigo Império, aproximadamente em 2650 a.C. Feitas geralmente de pedra, essas deslumbrantes obras de engenharia até hoje impressionam em parte pela complexidade dos conhecimentos necessários à sua execução. Por exemplo, o nivelamento da base da enorme pirâmide de Quéops é quase perfeito, tendo uma variação de apenas 2 centímetros. Além disso, os egípcios conseguiram tornar paralelas as laterais das pirâmides em relação aos eixos norte-sul e leste-oeste baseando-se apenas na observação dos astros no céu. Ainda não sabemos ao certo qual foi o método utilizado para obter tamanha precisão.

Os templos no Egito e na Mesopotâmia abrigavam cerimônias religiosas com imagens de deuses e oferendas, mas também serviam de local de trabalho para artesãos. Na Mesopotâmia, os templos serviam ainda como local de estudos de matemática e astronomia. Dentre os templos mais impressionantes da Mesopotâmia, estão os **zigurates**, que serviam como espécies de pontes entre a Terra e o Céu, e podiam medir até 30 metros de altura.



Pirâmides de Gizé, na cidade do Cairo, Egito. Foto de 2018. A maior delas, dedicada ao faraó Quéops, tem 146 metros de altura.



KAZLESIWAN INTARACHOTE @ SHUTTERSTOCK

A sociedade

No Antigo Oriente, havia pessoas privilegiadas, que ocupavam postos de comando e de poder, e camadas subalternas, que lhes deviam obediência. A posição de cada pessoa era herdada de seus antepassados e dificilmente se alterava.

Nos reinos mesopotâmicos, o topo da hierarquia social era ocupado pelo rei e sua família. Junto com os sacerdotes, funcionários do Estado e chefes militares formavam o grupo privilegiado que possuía benefícios e decidia as questões mais importantes.

No grupo intermediário estavam arquitetos, médicos, comerciantes e artesãos especializados, que podiam ser bem recompensados por seus serviços.

A maioria da população dos reinos mesopotâmicos era formada por camponeses. Eles estavam na base da sociedade, assim como os trabalhadores das cidades e os escravos.

No Egito, o lugar mais alto da sociedade era ocupado pelo faraó e sua família, seguidos pelos sacerdotes e funcionários do Estado. O funcionário mais importante era o vizir, responsável por criar impostos e controlar a arrecadação, recrutar pessoas para o trabalho nas construções, fiscalizar as obras públicas e presidir o tribunal de justiça. Ele contava com o auxílio dos escribas, a quem cabia cobrar impostos, escrever leis, fiscalizar as contas do reino e realizar o censo da população.

Quando o Egito começou a se envolver em grandes disputas territoriais, por volta de 2100 a.C., os chefes militares passaram a ser mais respeitados e reconhecidos na sociedade. O crescimento do comércio com os povos vizinhos também promoveu o enriquecimento dos comerciantes, que formaram uma camada social poderosa.

Na base da sociedade estavam os camponeses, também chamados de felás, a camada social mais numerosa do Egito, e os escravos.



Detalhe do Estandarte de Ur, mosaico sumério produzido por volta do ano 2500 a.C. Museu Britânico, Londres. Na peça há representações do cotidiano sumério.

Sistemas de trabalho: servidão coletiva e escravidão

Como vimos anteriormente, a maioria da população do Egito e da Mesopotâmia era constituída por camponeses. A maior parte do que produziam era usada para pagar tributos aos reis e aos templos. Eles podiam ser convocados para o trabalho em grandes obras públicas quando necessário. No entanto, nos reinos mesopotâmicos, cada família tinha a posse das terras onde vivia e podia vendê-las e passá-las por herança aos descendentes.

No Egito, os felás eram responsáveis pela produção do alimento que abastecia toda a população do reino. As terras eram administradas pelos sacerdotes e nobres, mas pertenciam ao faraó. Por isso, os felás deveriam entregar como tributo a maior parte do que produziam. Na época das cheias, eles podiam ser convocados para trabalhar nas obras públicas e servir o exército nas campanhas militares. Pelo trabalho realizado para os templos e para o faraó, os felás recebiam alimento e vestimenta.

Tanto no Egito quanto nos reinos da Mesopotâmia, o trabalho compulsório era realizado como uma espécie de obrigação para com os deuses. Esse sistema recebeu o nome de **servidão coletiva** porque se impunha a toda a população, e não a indivíduos em particular.

Já a **escravidão** existiu em todo o mundo antigo, mas no Egito e nos reinos da Mesopotâmia os escravos constituíam uma pequena parcela da população. Em geral, os escravos eram prisioneiros de guerra, pessoas condenadas por crimes ou por não conseguirem quitar dívidas. Eles podiam se casar e constituir família, e sua mão de obra era empregada nos trabalhos domésticos, nas minas e pedreiras, no artesanato e nos trabalhos agrícolas.

Reprodução pintada. Ar. 184 do Código Penal e L. 3812 de 13 de Novembro de 1986.

QUINTOX/ALBUM FOTODAREVA



Pinturas encontradas na tumba de Nakht, em Tebas, c. 1400 a.C. Na pintura estão representados os felás egípcios trabalhando em diversas atividades, sempre sob os olhares atentos das autoridades.

Refletindo sobre

Você sabia que, atualmente, existem leis punitivas para pessoas que submetem outras ao trabalho forçado, à jornada exaustiva e a condições degradantes de trabalho? O que você pensa sobre a permanência dessas práticas abusivas em relação ao trabalhador?



Agricultura e comércio

A agricultura era a base da economia das sociedades do Antigo Oriente. Na Mesopotâmia, a cevada, o trigo, a lentilha, o linho e as tâmaras eram os principais produtos cultivados. Os camponeses criavam ovelhas, cabras, porcos e aves, e os bois eram utilizados no trabalho com o arado ou para puxar carroças. No Egito, o Rio Nilo permitiu, em pleno deserto, o cultivo de centeio, linho, algodão, vinhas, frutas e hortaliças, sendo que as colheitas mais importantes eram as de trigo e de cevada.

A escassez de recursos naturais, principalmente metais, e as condições geográficas favoráveis estimularam a atividade comercial na Mesopotâmia. A região situava-se em meio a diversos centros comerciais e os rios Tigre e Eufrates serviam como importantes vias fluviais. Para o comércio com regiões longínquas eram organizadas expedições que duravam vários dias e contavam com proteção especial. Em geral, só os palácios e templos tinham condições de arcar com os custos e os riscos de grandes caravanas, mas elas também podiam ser patrocinadas por associações de mercadores particulares. Como não existiam moedas na Mesopotâmia, o comércio era realizado com base na troca de mercadorias. Cevada, cobre e chumbo foram importantes meios de trocas, mas na época de Hamurábi difundiu-se o uso da prata e do ouro no comércio com o exterior.

No Egito, o faraó também era o principal responsável pelas expedições comerciais. Escoltadas por muitos soldados, as expedições que viajavam por terra traziam as mercadorias em lombo de burros. Para o comércio marítimo e fluvial, os egípcios construíram barcos eficientes. Como a madeira era escassa e cara, eles eram construídos principalmente de papiro ou de junco. Havia os navios mercantes, os de navegação de longa distância e os cargueiros.



Fonte: REDE, Marcelo. *A Mesopotâmia*. São Paulo: Saraiva, 1997. p. 20.

A observação e a compreensão do mundo

Entre os textos encontrados por arqueólogos na antiga Mesopotâmia, há vários tratados de matemática, astronomia, medicina, entre outros. Nesses tratados, os sábios descreviam fenômenos e acontecimentos para, em seguida, classificá-los.

Os tratados de medicina, por exemplo, baseavam-se na experiência e na prática dos médicos. Em geral, eles começavam com uma descrição dos sintomas e terminavam com uma conclusão:

“Se, um homem febril sente seu ventre queimando; se, ao mesmo tempo, ele não sente prazer nem vontade de comer ou beber e, além do mais, seu corpo está amarelado [...] então esse homem sofre de uma doença **venérea**.”

BOTTÉRO, Jean. *Mesopotamia: Writing, Reasoning, and Gods*. Chicago: University of Chicago Press, 1992. p. 170. (Tradução nossa)

Com base nessa lógica, os sábios da Mesopotâmia organizaram uma vastidão de informações sobre variados assuntos. Alguns historiadores acreditam que a semente do pensamento científico reside justamente no universo do saber mesopotâmico.

Os egípcios também se destacaram em diversos campos do conhecimento. Além de desenvolverem a técnica da utilização do papiro, uma espécie de planta, como suporte para a escrita, desenvolveram a matemática, aplicando essa ciência na construção dos grandes edifícios e na contabilidade.

Por meio da observação dos astros, aprenderam a medir a passagem do tempo e a prever a periodicidade das enchentes. A medicina também prosperou entre os egípcios. Havia tratamentos para reumatismo, artrite, problemas cardíacos, dos dentes etc. Os egípcios conheciam bem a anatomia humana, que estava relacionada à prática da mumificação.

Venérea: no caso, doença transmitida sexualmente.



Reprodução proibida. Art. 174 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



Conexão

Segredos do Egito

Disponível em: <<http://www.escolagames.com.br/jogos/segredosEgito/?deviceType=computer>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

O site Escola Games oferece um jogo simples de memória chamado *Segredos do Egito*. Nesse link é possível descobrir algumas curiosidades sobre o Egito Antigo, como o significado do olho de Hórus, e relembrar algumas informações estudadas no capítulo. Um passatempo divertido que o ajudará a estudar!

Página inicial do jogo *Segredos do Egito*.

